

BURCKHARDT, Titus. *Fez City of Islam* (tradução do alemão para o inglês de William Stoddart, Islamic Texts Society) Cambridge, Inglaterra, 175p. Com 41 fotografias coloridas e 17 em preto e branco.

*Mateus Soares de Azevedo \**

*Fez City of Islam* conta a heróica, violenta e algumas vezes santa, história de um povo e sua religião. O livro é uma valiosa fonte de informação sobre uma cultura tradicional intacta que resistiu até nosso século. É também importante em um sentido mais amplo, pois nos propicia visões e critérios acerca do significado e da razão de ser do modo de vida tradicional enquanto tal. A este respeito, ajuda-nos a compreender, por exemplo, não apenas o remoto Tibete e a Idade Média cristã, mas até o universo de uma tribo indígena do sertão do Brasil.

Fez é um modelo da cidade islâmica clássica, que busca responder aos anseios e necessidades materiais, emocionais e espirituais do homem. É a capital intelectual, artística e religiosa do Marrocos. Sua universidade, a de Qurauin, fundada em 862, é a mais antiga do mundo.

Nesta sua inspirada monografia, Titus Burckhardt joga igualmente, em boa hora, uma luz de há muito necessitada no crucial problema do "comunalismo" (conflitos de base étnica, religiosa e nacional), que embrasa o mundo atualmente.

Após a queda do comunismo na Europa, o comunalismo pode ser visto como um dos maiores desafios de hoje. Trata-se de uma rivalidade mortal entre nacionalismos de coloração étnica e religiosa. Um grupo adere à sua cultura étnica e religiosa de uma forma apaixonada, superficial e formalista, ameaçando um agrupamento vizinho com as mesmas características. Estes movimentos combinam ideologias modernas (como o coletivismo

---

\* Departamento de História/USP e autor do livro *Iniciação ao Islã e ao Sufismo*. São Paulo: Editora Record, 1994.

e o ódio ideologizado à etnia e à cultura do outro) e apego ao que sua religião tem de mais formal e superficial.

Em *Fez City of Islam* é-nos mostrado um mundo em que o estado de alma dos indivíduos e das coletividades era em grande medida o oposto disso; onde a religião tradicional prioriza a espiritualidade e não é demagogicamente explorada para fins políticos imediatistas.

A chave para entender problemas como o comunalismo – que conturba regiões tão distantes e diferentes como a Bósnia, certas partes da Índia, a Irlanda do Norte, a Armênia e o Azerbaijão, o Chipre – é apenas um dos tesouros a ser encontrados no livro de Burckhardt.

Sobrinho-neto do conhecido historiador de arte Jacob Burckhardt, Titus (1908-1984) é autor de inúmeros livros, abrangendo temas que vão da filosofia à história da arte e da cultura, da religião comparada à ciência moderna. Ele viveu alguns anos no Marrocos na década de 1930. Retornou ao país nos anos 1970 como consultor da Unesco, encarregado de coordenar um plano de preservação para a cidade de Fez, patrimônio da humanidade tombado pela ONU.

Em seus outros livros – como *La Civilizacion hispano-arabe*, *Mirror of the Intellect*, *Ciencia Moderna y Sabiduria Tradicional*, entre outros, já publicados em várias línguas –, Burckhardt compara as crenças e as culturas artísticas das civilizações tradicionais cristã, islâmica, budista, hindu e chinesa. Simultaneamente, contrasta-as com a civilização moderna.

Segundo T.S. Eliot, cada uma das grandes culturas mundiais – seja a bizantina, a chinesa, a hindu, ou a medieval – é a expressão artística e social de uma revelação religiosa. É esta impregnação da sociedade como um todo pela religião que é a marca registrada de uma civilização "tradicional".

A civilização "moderna", ao contrário, não baseia-se na religião, é antes secular e humanista. Seu início remonta ao século 15 com o naturalismo e o individualismo da Renascença, aprofunda-se no século 18 com o racionalismo do Iluminismo, passa pela Revolução Industrial do século 19 e desemboca na civilização tecnológica do século 20.

Esta visão das coisas não é controversa; o que é passível de discussão é o julgamento de valor que se põe a estes distintos modos de conceber a vida. Foi justamente em razão destes sucessivos rompimentos revolucionários com o passado – Renascença, Iluminismo, Revolução Industrial e Século XX – que a Europa foi se tornando diferente do restante do mundo.

Para alguns, estes eventos são marcos da evolução e do progresso do gênero humano; para outros, não têm relação com "renascimento" ou "luz"; pelo contrário, são vistos como sucessivos empobrecimentos. Burckhardt vê uma perfeita equivalência entre, por exemplo, a civilização medieval cristã

("Este período tão caluniado e tão complexo que nos deu a arquitetura gótica, as sagas da Islândia e a filosofia escolástica", segundo o escritor argentino Jorge Luiz Borges) e as civilizações tradicionais do Oriente.

Um exemplo desta homogeneidade de fundo entre modos de vida formalmente distintos pode ser observado na Península Ibérica entre os anos 711, quando os muçulmanos derrotaram os cristãos na batalha de Guadaleta, e 1492, quando a última fortaleza islâmica na Europa ocidental, Granada, foi vencida. Neste período, judeus, cristãos e muçulmanos viviam lado a lado em relativa paz. O principal pilar da civilização islâmica, o Corão, ordena a seus governantes o respeito aos "povos do Livro", cristãos e judeus.

Durante o período de hegemonia moura, os reis cristãos respeitavam do mesmo modo seus vassalos muçulmanos e judeus. Esta política não derivava da indiferença religiosa, fenômeno tipicamente moderno, pois na época a fé era a referência de tudo. Embutido na mútua tolerância talvez houvesse o pressentimento de que, por trás das formas doutrinárias e dos ritos muito distintos uns dos outros, brilhasse um único espírito. Apesar das profundas diferenças na formulação de seus dogmas, os seguidores das três religiões viviam no mesmo universo espiritual. Para cristãos, judeus e muçulmanos, há uma mesma perspectiva fundamental, que orienta suas concepções do sagrado e do profano, da contemplação e da ação, da vida e da morte.

"É significativo", escreve Burckhardt, "que o intercâmbio espiritual entre os mundos cristão e islâmico se rompesse subitamente com o advento do racionalismo da Renascença, e que no mesmo tempo tivesse início a intolerância da monarquia absolutista espanhola".

*Fez City of Islam* é um grande livro. Extraordinariamente bem escrito, pleno de inteligência e graça, prende a atenção do leitor do princípio ao fim. Informa, diverte e educa. Merece uma boa tradução para o português.